

A “CARTA FILOSÓFICA” DE CHAADAEV: O “TIRO NO ESCURO” QUE DETONOU O DEBATE ENTRE OCIDENTALISTAS E ESLAVÓFILOS NA RÚSSIA

*Angelo Segrillo**

Resumo: Este artigo faz uma análise da primeira *Carta Filosófica* de Petr Chaadaev. São investigados não apenas seu conteúdo ideológico, mas também as repercussões políticas e sociais de sua publicação, que resultou na instauração do debate entre *ocidentalistas* e *eslavófilos* na Rússia do século XIX. São explicitadas diversas nuances deste debate bem como suas implicações para o presente.

Palavras-chave: Rússia, Chaadaev, ocidentalismo, eslavofilismo.

Abstract: This article analyzes the ideological content and the social and political repercussions of the first *Philosophical Letter* by Petr Chaadaev. The nuances of the debate between Westernizers and Slavophiles which followed thereof are investigated. Implications of this debate for the present time in Russia are also suggested.

Keywords: Russia, Chaadaev, Westernism, Slavophilism.

* Angelo Segrillo é professor de história contemporânea da USP. Com doutorado pela UFF e mestrado pelo Instituto Pushkin de Moscou, é autor de *O Declínio da URSS: um estudo das causas* (ed. Record), *O Fim da URSS e a Nova Rússia* (ed. Vozes) e *Rússia e Brasil em Transformação* (ed. 7Letras).

A Rússia é o maior país da Europa e da Ásia. Sua disposição física eurásiana tem tido repercussões históricas e filosóficas fortes. Afinal, os russos são europeus, asiáticos, um misto dos dois ou nenhum dos dois? Esta dúvida existencial divide a sociedade russa há muito tempo. A relação com a Europa é especialmente complicada. Pedro, o Grande, na virada do século XVII para o XVIII, realizou radicais reformas modernizantes ocidentalizantes que visavam colocar a Rússia definitivamente no caminho do desenvolvimento no estilo europeu. Isto escandalizou na época os defensores do distinto modo de vida tradicional russo. Após a morte de Pedro haveria grandes discussões sobre qual dos dois caminhos deveria ser seguido. Isto resultou em governos de monarcas mais ou menos abertos ao Ocidente, com o pêndulo indo ora para um lado, ora para o outro. Como o regime era absolutista, estas discussões ficavam mais restritas às elites e aos círculos governamentais.

Entretanto, na década de 1830 aconteceu o que Herzen chamou de “um tiro no escuro”: a publicação da primeira das *Cartas Filosóficas* de Petr Chaadaev, que chocou o público russo e cingiu a sociedade no meio entre os *ocidentalistas* (defensores do caminho europeu ocidental para a Rússia) e os *eslavófilos* (que propugnavam um caminho próprio, tradicional, para o país). Ou seja, a partir da primeira Carta Filosófica o debate, antes esporádico e assistemático, se cristalizou e institucionalizou em dois campos distintos e claramente definidos, que passaram a ter representantes próprios, periódicos especializados em defender suas posições, etc.

A Carta Filosófica de Chaadaev não tem tradução para o português. Assim, procuraremos aqui expor algumas de suas partes mais importantes. Antes, porém, algumas palavras sobre Chaadaev e o contexto em que publicou o ensaio.

Chaadaev era um filósofo que estivera no exército russo e lutara nas guerras napoleônicas. Essas guerras foram um ponto de viragem na história russa. Por um lado a vitória da Rússia sobre Napoleão em Paris elevou o prestígio do país no exterior ao seu apogeu, como a grande vencedora e salvadora da Europa monárquica. Por outro lado, muitos oficiais e soldados, ao retornarem à Rússia após a vitória na Europa, trouxeram de lá várias idéias e impressões que contradiziam o caráter absolutista e obscurantista do czarismo. Um núcleo desses oficiais seria, inclusive, a origem da Revolta Decembrista de 1825, que visava transformar a Rússia em uma monarquia constitucional. Chaadaev, por outro lado, em 1823 fez uma viagem à Europa da qual voltou profundamente influenciado pelo catolicismo, pela filosofia idealista alemã e pelo pensamento conservador francês. Entre 1828 e 1831 escreveu oito *cartas filosóficas* em francês, que circulavam, discretamente, em manuscrito em pequenos círculos de intelectuais russos. (Chaadaev, 2009a) Quando em 1836 a revista *Telescópio* publicou a Primeira

Carta Filosófica, um furor se instalou no país. O governo confiscou a revista, exilou seu editor, e declarou Chaadaev oficialmente louco.

A razão de tudo isto estava no caráter niilista do ensaio e do retrato extremamente negativo que ele traçava da história russa. Vejamos alguns trechos:

[...] Posicionados entre duas das principais partes do mundo, Oriente e Ocidente, apoiando-se em um ombro na China e no outro na Alemanha, deveríamos fundir em nós os dois grandes princípios da natureza espiritual — a imaginação e a razão — e combinar, em nossa civilização, a história do mundo inteiro. Mas tal papel não foi determinado a nós pela Providência [...] Solitários no mundo, não demos nada ao mundo, nada lhe ensinamos. Não introduzimos nenhuma idéia na massa de idéias da humanidade, não contribuimos para o progresso da razão humana. [...] Um dos traços mais deploráveis de nossa peculiar civilização é que ainda estamos descobrindo verdades já assumidas pelos outros povos [...] A razão é que nunca marchamos junto com os outros povos. Não pertencemos a nenhuma das grandes famílias da raça humana. Não somos nem Ocidente nem Oriente e não temos as tradições de nenhum deles. Colocados como que fora do tempo, a educação geral do gênero humano não nos alcançou. (Chaadaev, 2009, p. 3 e 7)¹

Pelo parágrafo acima se pode notar o porquê do choque causado pelo texto chaadaevano. Mas por que a Rússia teria sido tão estéril intelectualmente quando países seus vizinhos, tanto do lado ocidental quanto oriental, conseguiram atingir pontos altos de civilização? Chaadaev colocava um forte peso desta explicação no fato de que a Rússia seguira o cristianismo ortodoxo, e não o catolicismo romano.

[...] Impelidos por um destino fatal, fomos procurar na miserável Bizâncio, objeto de profundo escárnio de diversos povos, o código moral que deveria guiar nossa educação. Em um momento anterior, um espírito ambicioso havia afastado essa família da fraternidade universal: foi a idéia assim desfigurada pela paixão humana que recolhemos. Na Europa o princípio vital da unidade animava tudo. Tudo emanava dele e convergia a ele. Todo o movimento intelectual desse período era dirigido para a unidade do pensamento humano e todo avanço provinha desta necessidade possante de se chegar a uma idéia universal, que é o gênio criador dos tempos modernos. Alienados deste princípio maravilhoso, nós nos tornamos vítimas da conquista. E quando, libertados do jugo estrangeiro [mongol], poderíamos (se não estivéssemos separados da família comum) ter aproveitado as idéias armazenadas durante estes tempos por nossos irmãos do Ocidente, foi em uma servidão ainda mais dura (mesmo santificada pela nossa independência) que caímos. Quantas luzes vivas haviam já afastado na Europa as escuridões que antes a cobriam. Grande parte dos conhecimentos dos quais o espírito humano se orgulha hoje já haviam sido pressentidos pelos espíritos. O caráter da sociedade moderna já se havia fixado. Banhando-se na Antiguidade pagã [durante a Renascença], o mundo cristão adquiriu

¹ Neste artigo, a numeração de páginas de textos retirados da internet se referem à numeração seqüencial obtida quando se imprime o texto nos parâmetros padrões (*default*) em formato de papel A-4. Além disso, a menos que indicado diferentemente, a tradução de trechos de textos em língua estrangeira é do presente autor.

as formas de Beleza que lhe faltavam. Relegados ao nosso Cisma, nada do que se passava na Europa chegava a nós. Nada tínhamos a ver com o grande assunto do mundo [...] Enquanto o mundo inteiro se reconstruía todo, nada se passava conosco [...] Apesar de cristãos, os frutos do cristianismo não amadureceram entre nós. (Chaadaev, 2009, p. 7-8).

Chaadaev via, assim, no catolicismo e nas grandes transformações da Renascença (que fertilizou o mundo cristão com o que havia de melhor na Antiguidade pagã greco-romana) a *differentia specifica* da Europa em relação à Rússia. Sem isso, segundo ele, mesmo libertado do jugo mongol que o dominou nos séculos XIII a XV, o país caíra na servidão “maior” do czarismo absolutista e obscurantista.

E as radicais reformas modernizantes e ocidentalizantes de Pedro, o Grande? Como a Primeira Carta Filosófica as via? Como observou McNally (1964, p. 32), Chaadaev as via como uma tentativa abortada de transformação devido ao fato de que foi algo artificial demais, muito diferente do desenvolvimento orgânico europeu: transformaram-se mais as formas que os conteúdos.

[...] Uma vez um grande homem quis nos civilizar e nos dar uma visão inicial das Luzes. Ele nos jogou o manto da civilização. Nós pegamos o manto, mas não tocamos a civilização. (Chaadaev, 2009, p. 7)

Pelo caráter devastadoramente niilista dos trechos acima já se pode entender por que a publicação da primeira Carta Filosófica chocou o público. O fato de ter sido declarado oficialmente louco, e colocado sob cuidados médicos, pelo czar levou a que Chaadaev escrevesse, em 1837, uma resposta na forma de um ensaio oportunamente intitulado *Apologia de um Louco*. (Chaadaev, 2010) Aqui o autor vai tentar se defender junto à opinião pública do país: ao mesmo tempo, nuançará algumas de suas posições.

Começa por defender-se da acusação de não amar sua pátria.

[...] É uma linda coisa o amor à pátria, mas há uma coisa ainda mais sublime: o amor à verdade. O amor à pátria cria heróis; o amor à verdade gera sábios, benfeitores da humanidade. O amor à pátria divide os povos, alimenta ódios nacionais e às vezes veste a terra de luto; o amor à verdade dissemina a luz do conhecimento, gera prazer espiritual, aproxima as pessoas do Divino. Não o amor à pátria, mas o amor à verdade conduz ao céu [...] Acreditem, mais que qualquer um de vocês eu amo meu país, desejo-lhe glórias, sei valorizar as altas qualidades de meu povo, mas [...] eu não aprendi a amar a pátria de olhos fechados [...] Eu acho que uma pessoa só é útil ao seu país se estiver vendo-o [...] Acho que o tempo do amor cego já passou, que temos a obrigação da verdade para com a pátria. Eu amo minha pátria como Pedro, o Grande, me ensinou a amá-la. Nada tenho a ver com o patriotismo abençoado da preguiça, que vê tudo em cor rosa e circula entre ilusões [...] Eu acho que viemos depois [de outros povos] para que possamos fazer melhor que eles, não cair em seus erros. (Chaadaev, 2010, p. 1 e 7)

Podemos notar que há, em *Apologia de um Louco*, uma inflexão em relação à Carta Filosófica. A idéia geral do atraso da Rússia em relação a outros povos é mantida, mas fagulham algumas nuanças de tom otimista. Sim, a Rússia está mais atrasada que outros e ainda não deu uma contribuição própria ao gênio universal. Mas não há que ser necessariamente assim no futuro. Se seguirem o caminho de Pedro conseqüentemente, os russos poderão até ultrapassar no futuro seus mestres europeus. Como isso é possível? Aqui, como bem notaram Walicki (1989, p. 107) e Aizlewood (2000, p. 30), Chaadaev recorre à imagem lockiana da *tabula rasa* para explicar a potencial “vantagem do atraso” russa. Sim, a Rússia não tinha tido uma história (com significado universal), mas exatamente este *nada* abria a possibilidade de *tudo*, inclusive de uma posição de vanguarda, especialmente tendo em vista o caráter aberto, receptivo, do “virgem” povo russo. Aliás, esta foi a razão das súbitas e surpreendentes reformas ocidentalizantes de Pedro terem sido possíveis no país: em uma nação com desenvolvimento e tradições mais profundas, um homem não teria conseguido mudar a face do país assim da noite para o dia.

[...] Pedro, o Grande, encontrou em casa uma folha de papel em branco e com sua mão forte escreveu nela as palavras *Europa e Ocidente*. Mas não devemos nos enganar. Não importa quão grande fosse o gênio desta pessoa e quão extraordinária sua força de vontade. O que ele fez foi possível apenas em uma nação cujo passado não indicava poderosamente o caminho pelo qual ela deveria avançar, cujas tradições eram impotentes para gerar seu futuro, cujas lembranças o legislador corajoso pôde apagar impunemente. Se nós nos revelamos tão obedientes à voz do soberano nos chamando à nova vida, isso foi porque em nosso passado não havia nada que pudesse criar resistência. A característica mais profunda da nossa imagem histórica é a ausência da livre iniciativa em nosso desenvolvimento social. Observem com cuidado e verão que cada fato importante de nossa história veio de fora, cada nova idéia era sempre pegada emprestada. Mas nesta observação não há nada ofensivo aos sentimentos nacionais. Se ela é verdadeira, basta aceitá-la: isso é tudo. Existem grandes povos, e grandes personalidades históricas, que não podem ser explicados pelas leis ordinárias da nossa razão, mas que são determinados pela lógica superior da Providência: tal é o nosso povo. E, repito, isso não fere a honra nacional [...] (Chaadaev, 2010, p. 3)

Esse caráter de *tabula rasa*, de “folha em branco”, abre a possibilidade para que seja escrita na Rússia uma nova história que pode até ultrapassar a Europa, principalmente tendo em vista as contradições que o caminho moderno do Ocidente tem demonstrado em sua passagem ainda triunfal.

Na verdade, vejam o que ocorre nos países que eu talvez excessivamente exaltei, mas que constituem os exemplos mais desenvolvidos da civilização em todas as suas formas. Ali muitas vezes basta vir à luz de Deus uma nova idéia para que logo todo tipo de egoísmo estreito, toda vaidade infantil, todo partidarismo obstinado, que se tinham acumulados na superfície da sociedade, se lancem sobre ela, dominando-a, revirando-a, distorcendo-a. Um minuto mais tarde ela, esmagada por todos estes fatores, é desovada em esferas abstratas onde desaparece a poeira mais estéril. Nós

não temos esses interesses apaixonados, estas opiniões formadas, estes preconceitos estabelecidos. Nossa mente virgem recebe cada nova idéia [...] Não sei. Talvez tivesse sido melhor passar por todas as provações pelas quais passaram os outros povos cristãos e receber delas, como esses povos, novas forças, novas energias e novos métodos. E talvez nossa posição especial nos guardasse das misérias que acompanharam o longo e árduo aprendizado desses povos. Entretanto, agora não se deve falar nisso. Agora devemos tentar apenas compreender o caráter atual de nosso país na forma definitiva que a própria natureza das coisas lhe imputou e tirar daí toda vantagem possível. É verdade que a história não está mais em nosso poder, mas a ciência nos pertence. Não temos condições de realizar novamente toda a obra do espírito humano, mas podemos participar em suas obras adicionais. Não temos poder sobre o passado, mas o futuro depende de nós. (Chaadaev, 2010, p. 7 e 8)

E como pode ser alcançado este grande progresso futuro, deixando para trás um passado estéril? Ao apresentar as soluções práticas, Chaadaev deixa claro o caráter elitista de seu projeto que consiste não em um desenvolvimento democrático, a partir de baixo, e sim do esclarecimento dos atores políticos da elite, em especial de soberanos esclarecidos do tipo Pedro, o Grande, aproveitando-se da *tabula rasa* receptiva que é o povo russo.

Nós nunca vivemos [como os europeus] sob a pressão fatal da lógica dos tempos. Não fomos jogados pela força Toda Poderosa nos abismos que durante séculos se abriram aos outros povos. Aproveitemos, então, a enorme vantagem de termos apenas que obedecer a voz da razão esclarecida, a vontade consciente. Entendamos que para nós não há uma necessidade absoluta; que, graças aos céus, não estamos frente a uma ladeira inclinada, como a que une tantos outros povos a seus destinos desconhecidos; que está em nosso poder medir cada passo que damos, refletir sobre cada idéia que visita nossa consciência; que nós podemos esperar uma prosperidade ainda maior que a com a qual sonham os mais fervorosos agentes do progresso; e que para alcançar estes resultados finais precisamos apenas de um ato de poder da vontade suprema, que contém em si toda a vontade da nação, expressando todas suas aspirações e que, mais de uma vez, mostrou a ela novos caminhos, abriu frente aos seus olhos novos horizontes e deu à sua mente uma nova educação. (Chaadaev, 2010, p. 8)

Chaadaev sugere que, livre do fardo de um passado enraizado, a Rússia, se guiada por monarcas esclarecidos como Pedro, o Grande, a partir da estrada de desenvolvimento ocidental, poderá superar a própria Europa posteriormente, já que esta, apesar de avançada, se encontra dividida em interesses contrários, partidarismos, etc. Aqui se deve notar que Chaadaev não é um liberal. Ao contrário, é profundamente influenciado pelo pensamento conservador francês (Joseph de Maistre, Louis de Bonald, etc.). Não quer derrubar a monarquia russa, e sim ter monarcas esclarecidos. O caráter elitista e conservador de seu pensamento fica claro nas seguintes passagens de *Apologia de um Louco*.

Eu nunca busquei o aplauso popular, não procurei os favores da multidão. Sempre achei que o gênero humano deve seguir apenas seus líderes naturais, ungidos por Deus; que ele só pode avançar pelo caminho do progresso verdadeiro quando se

coloca sob a liderança daqueles que receberam dos céus a tarefa de liderá-lo; que a opinião geral não é idêntica à razão absoluta, como colocou um grande escritor de nosso tempo; que os instintos das massas são infinitamente mais passionais, mais estreitos e egoístas que os instintos de uma pessoa individual; que a chamada sabedoria popular absolutamente não é sabedoria; que a verdade não nasce da multidão e é impossível de ser expressa por números; finalmente, que, em todo seu poder e brilho, a consciência humana é encontrada apenas na mente individual [...]. (Chaadaev, 2010, p. 1 e 2)

Assim, vemos que, em *Apologia de um Louco*, Chaadaev, mantendo seu veredicto da primeira Carta Filosófica sobre o caráter estéril do passado russo até então numa visão absolutamente niilista e sem perspectiva, abre agora a possibilidade da regeneração da Rússia e que ela encontre seu lugar no gênio histórico mundial. É preciso lembrar que, apesar de publicada na Rússia em 1836, a primeira Carta Filosófica tinha sido escrita em 1929. Com o passar do tempo (em especial após o susto das revoluções de 1848 na Europa ocidental, que desagradaram ao autor), o caráter conservador de Chaadaev vai se acentuando e um certo desgosto com os rumos revolucionários e/ou antirrussos da Europa vai se instalando em sua mente ainda largamente pró-ocidental.

Repercussões da Carta Filosófica de Chaadaev

Como colocou Herzen, a primeira Carta Filosófica de Chaadaev foi o “tiro no escuro” que acordou a todos. O debate sobre a relação da Rússia com a Europa, até ali assistemático, se institucionalizou em dois campos separados na sociedade, inclusive com revistas e publicações próprias para defender suas idéias. Os *ocidentalistas* (Aleksandr Herzen, Vissarion Belinskii, Timofei Granovskii e outros) consideravam a Rússia um país europeu e defendiam as reformas de Pedro, o Grande, com sua modernização ocidentalizante. Já os *eslavófilos* (e.g., Aleksei Khomyakov, os irmãos Konstantin e Ivan Aksakov, os irmãos Ivan e Petr Kireevskii, Yurii Samarin) não apenas negavam o diagnóstico sombrio de Chaadaev sobre o passado russo como consideravam a Europa uma civilização moralmente decadente e que a Rússia deveria seguir seu caminho próprio, de acordo com suas tradições.

E é aqui que desejo fazer algumas colocações sobre este debate de *ocidentalistas versus eslavófilos* no sentido de nuançar um pouco a imagem que geralmente é passada dele na literatura especializada bem como lançar uma hipótese sobre se este debate, normalmente visto como um fenômeno do século XIX, pode ter ainda implicações para os dias de hoje na Rússia.

Em primeiro lugar, normalmente se coloca o tema como um embate entre correntes mais liberais e progressistas pró-ocidentais contra eslavófilos conservadores, reacionários ou mesmo xenófobos. Esta imagem é uma simplificação que não dá

conta das nuances nos dois campos. Muitos dos eslavófilos, apesar de serem defensores do tradicional modo de vida russo, adotaram posições progressistas em diversos aspectos da realidade social do país. Por exemplo, vários deles (*e.g.*, Yurii Samarin, Alexandr Koshelev e Vladimir Cherkasskii) participaram ativamente da luta pela emancipação dos servos.² Praticamente todos eles lutavam pela abolição da censura no país.

Por outro lado, nem todos os ocidentalistas eram liberais. Já vimos como Chaadaev era na verdade, um conservador romântico muito influenciado por Bonald e Maistre. Por outro lado, Herzen escapa ao liberalismo pela esquerda: é um socialista que quer ir além das revoluções liberais (aliás, Herzen tem relações ambíguas com o próprio Ocidente e suas idéias *mainstream*, sendo uma espécie de ocidentalista “escorregadio”).

A própria posição de Chaadaev no debate entre ocidentalistas e eslavófilos não é tão simples. Normalmente ele é colocado como um ocidentalista puro e simples. Mas, como pudemos ver até por partes dos trechos acima, ele tem posições peculiares, heterodoxas dentro dos dois campos. Ao contrário da maioria do ocidentalistas, como Herzen e Belinskii, que queriam a mudança radical da monarquia absolutista russa, ou para uma república ou, no mínimo, para uma monarquia constitucional, Chaadaev era pelo princípio do governo de um homem só, como vimos pelo trecho analisado acima. Inimigo da idéia de democracia ou de revoluções de baixo, era a favor de uma reforma vinda de cima, por um monarca esclarecido. Em seu pensamento, isso seria facilitado pelo caráter passivo e receptivo (*tabula rasa*) do povo russo e do sistema político centralizado em um só homem imperante no país. Na Carta Filosófica afirmara também que a Rússia originalmente “não era nem Ocidente nem Oriente”. (Chaadaev, 2009, p. 3) Por outro lado, via o caminho de desenvolvimento da Rússia ligado ao da Europa. A Rússia primeiro tinha que aprender tudo o que fosse positivo com o Ocidente: somente após isso poderia passar a um desenvolvimento próprio, superior ao de seus vizinhos a oeste. Até ali, ainda seria um pupilo. O caráter ambíguo de Chaadaev ao se iniciar o debate institucionalizado entre ocidentalistas e eslavófilos se reflete na relação pessoal que tinha com membros dos dois grupos: não era certamente membro dos eslavófilos, mas também não era um membro inequívoco do grupo dos ocidentalistas, com cujos representantes individuais tinha discussões e controvérsias, principalmente em relação à questão do liberalismo e socialismo *versus* conservadorismo. O caráter seminal da obra de Chaadaev está mais no papel de catalisador do debate que o niilismo e pessimismo exacerbado da primeira Carta

² Wortman (1962) chegou a postular a existência de uma verdadeira corrente *liberal* dentro do eslavofilismo, formada por pessoas como Samarin, Koshelev e Cherkasskii.

Filosófica teve do que nos aspectos propriamente ditos de defesa da civilização ocidental que encontramos em seus escritos.

Finalmente, gostaria de lançar uma hipótese provocadora. A discussão entre ocidentalistas e eslavófilos é vista, em geral, como um episódio do século XIX, que perdeu seu sentido à medida que os principais protagonistas do debate inicial foram morrendo sem deixarem seguidores à altura e, principalmente, quando ocorreu a Revolução Russa, que colocou o país nos trilhos de uma transformação socialista em que o debate ocidentalismo/eslavofilismo saiu de cena para dar espaço a uma ideologia totalista de classe.

Minha hipótese é que talvez este debate, se tomado como um tipo ideal weberiano, ainda pode ter potencial heurístico para explicar desenvolvimentos históricos na Rússia do século XX e XXI. Em primeiro lugar, não seria o regime marxista soviético uma ideologia basicamente ocidentalista, no sentido em que seguia um caminho proposto por Marx para superação das contradições de uma sociedade capitalista pós-feudalismo no sentido ocidental? (cf. Said, 1990, p. 14-15, 33, 161-162 e 212)

Além disso, o debate entre ocidentalistas e antiocidentalistas parece ter assumido importância especial na Rússia pós-soviética. Tomemos o exemplo de Vladimir Putin, o líder que hegemoniza a vida política russa atual. Após a retomada e reconstrução econômica do país na década de 2000, Putin também tornou mais assertiva a projeção da Rússia em sua política externa, batendo de frente várias vezes com os EUA, principalmente no segundo mandato Bush. Muitos observadores traçavam a origem desta trajetória de colisão com o Ocidente ao fato de que Putin, ao contrário de seu antecessor Yeltsin, não seria um ocidentalista. Outros autores citam as ligações de Putin com o chamado “clã de São Petersburgo” (a “ocidentalista” cidade de Pedro, o Grande) como uma evidência de que ele é, na verdade, um ocidentalista acorrentado pelas circunstâncias históricas. Seria o quadro do debate sobre o ocidentalismo uma base teórica produtiva para se entender esses desenvolvimentos históricos na Rússia pós-soviética de Yeltsin e Putin?

Estou começando uma investigação neste sentido de estender a problemática aos séculos XX e XXI com um artigo a ser publicado pelo projeto *Modernités Alternatives* em Paris em breve (Segrillo, 2010) e com uma pesquisa maior a ser publicada em forma de livro em 2013 (“Europa ou Ásia?: a questão da identidade russa nos debates entre ocidentalistas, eslavófilos e eurasianistas”). Por enquanto, já lanço em *Caminhos da História* estas observações preliminares no sentido de trazer algumas nuances sobre o debate ocidentalistas *versus* eslavófilos no século XIX bem como levantar a polêmica sobre a possibilidade de utilização deste quadro conceitual para a Rússia nos séculos XX e XXI.

REFERÊNCIAS

AIZLEWOOD, Robin. Revisiting Russian Identity in Russian Thought: From Chaadaev to the Early Twentieth Century. *The Slavonic and East European Review*, v. 78, n. 1, p. 20-43, jan. 2000.

CHAADAEV, Petr Yakovlevich. *Filosoficheskie Pis'ma: Pis'mo Pervoe* [“Cartas Filosóficas: Primeira Carta”]. Disponível em: <http://www.philosophy.ru/library/chaad/letr/chaad1.html> (consultado em 18/09/2009).

CHAADAEV, Petr Yakovlevich. *Lettres Philosophiques Addressées à une Dame*. Disponível em: <http://www2.unil.ch/slav/ling/textes/ChaadaevPremlettrephilo.html> (consultado em 18/09/2009a).

CHAADAEV, Petr Yakovlevich. *Apologiya Sumasshedshego* [“Apologia de um Louco”]. Disponível em: <http://www.vehi.net/chaadaev/apologiya.html> (consultado em 15/03/2010).

McNALLY, Raymond T. Chaadaev's Evaluation of Peter the Great. *Slavic Review*, v. 23, n. 1, p. 31-44, março 1964.

SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SEGRILLO, Angelo. *Occidentalisme, Slavophilie et Eurasianisme : les intellectuelles et les hommes politiques à la recherche de l'identité russe*. Paris: Projet Modernités Alternatives, 2010 (a publicar).

WALICKI, Andrzej. *The Slavophile Controversy*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1989.

WORTMAN, Richard. Koshelev, Samarin, and Cherkassky and the Fate of Liberal Slavophilism. *Slavic Review*, v. 21, n. 2, p. 261-279, junho 1962.